



PRINCÍPIOS AMBIENTAIS E SUA RELAÇÃO COM O MANDATO CULTURAL EXPRESSO EM GÊNESIS 1.26-31 E GÊNESIS 2.5-8

Stélio João Rodrigues¹

RESUMO

Compreender o relacionamento de Deus Criador com a sua criação é um desafio que nos proporciona uma aproximação com ele. Esta pesquisa propõe compreender a ordem dada por Deus em Gênesis 1.26-31 e 2.5-8. Nessa perspectiva, como a comunidade cristã assume os princípios ambientais em suas pregações? Faz-se necessário destacar pontos de analogia entre meio ambiente e os textos bíblicos de Gênesis para a homilia cristã; analisar os princípios ambientais e sua relação com Gênesis 1.26-31 e 2.5-8 para compreensão dos valores inerentes ao relacionamento Criador e criatura; conhecer os princípios ambientais que são destacados nos relatos de Gênesis e sua importância na comunidade cristã. Esta investigação apresenta como organização: uma introdução; dois capítulos que contêm a fundamentação teórica; considerações finais e bibliografia. No primeiro capítulo, descrevemos sobre ecologia, destacando conceitos, princípios ambientais, conforme a Conferência Rio-92. No segundo capítulo, discorreremos sobre Gênesis 1.26-31 e 2.5-8, chamado de mandato cultural, sua definição, enfocando também as relações de Deus com a sua criação. A pesquisa termina com as considerações finais, que fazem a síntese do trabalho. Os textos mostraram que o pecado traz o

¹ Stélio João Rodrigues, Doutor em Educação pela Universidad de La Habana – Cuba, Mestre em Psicopedagogia, Professor de Biologia e Matemática em Jaraguá do Sul. É também Especialista em Biologia (FURB, Blumenau/SC), bem como Teologia e Bíblia (FLT).

afastamento do homem da presença de Deus e, conseqüentemente, a depredação e devastação do meio ambiente, contrariando a ordem dada pelo Criador, de ter o domínio sobre a criação, de forma responsável, voltando os olhos para o Criador. Palavras-chave: mandato cultural, ecologia, Gênesis, Criador.

ABSTRACT

Understand the relationship between the Creator's God and his creation is a challenge that gives us a approximation with him. This research proposes to understand the rule given by God in Genesis 1.26-31 e 2.5-8. In this perspective, how does the Christian community assumes the environmental principles into their preaching? It is necessary to highlight points of analogy between the environmental and the Genesis's biblical texts to Christian preaching. Analyze the environmental principles and their relationship with Genesis 1.26-31 and 2.5-8 for understanding of the values inherent in the relationship creator and creature. Know the environmental principles that are highlighted in the reports of Genesis and its importance in the Christian community. This research presents as an organization: an introduction; two chapters that contains the theory; final considerations and bibliography. In the first chapter describes about ecology highlighting environmental concepts, principles as Conference Rio-92. In the second chapter talks about Genesis 1.26-31 and 2.5-8, called cultural mandate, its definition, focusing too on the relationship of God with his creation. The search ends with the final considerations, that are the synthesis of the work. The texts show that sin behind the remoteness of the man in the presence of God and consequently the depletion and devastation of the environment, contrary to the order given by the creator to have domain creation, responsibly turning their eyes to the creator.

Keywords: *cultural mandate, ecology, Genesis, Creator.*

INTRODUÇÃO

Como cristãos, precisamos entender o relacionamento de Deus Criador com a sua criação, sendo mensageiros da boa nova,

atentos para os problemas ambientais que estão à nossa volta e que trazem diferenças e divisões entre as pessoas (guerras, fome, pobreza, poluição, doenças...).

Quando Deus criou o ser humano (Adam), colocou-o em um jardim (Gn 2.8), com a responsabilidade de cuidar dele. Pode ser que nem todos nós tenhamos jardins, mas como descendentes de Adão e Eva, todos nós temos uma responsabilidade pelo “grande jardim” ao nosso redor – o meio ambiente. Somente quando Deus refizer completamente o universo, nós e o meio ambiente estaremos em perfeita harmonia, lembrando que a Bíblia nos dá algumas diretrizes sobre como viver aqui nos dias de hoje.

Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais, “erosão, desmatamento, desertificação, destino de resíduos, poluição do solo, da água, do ar, chuvas ácidas, efeito estufa, entre outros, que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível”². Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes.

Nessa perspectiva, a comunidade cristã, em relação com Gênesis 1.26-31 e 2.5-8, assume os princípios ambientais em suas pregações? A comunidade cristã precisa reconhecer que Deus a envia a um mundo secular. Sendo assim, “os cristãos precisam ocupar seus lugares onde estiverem: no escritório, na fábrica, na escola, na agricultura, lutando sempre pela paz e por uma ordem justa, no

2 Antônio Carlos Machado da ROSA. *Problemas e potencialidades ambientais globais, regionais, estaduais e locais*. In: Educação Ambiental: curso básico a distancia. Brasília: MMA, 2001, pp. 209-235.

relacionamento com os diversos setores sociais e raciais”.³

Faz-se necessário destacar pontos de analogia entre meio ambiente e os textos bíblicos, destacando os de Gênesis 1.26-31 e 2.5-8 para a homilia cristã e analisar os princípios ambientais e sua relação com Gênesis 1.26-31 e 2.5-8 para compreensão dos valores inerentes ao relacionamento Criador e criatura. Precisamos conhecer os princípios ambientais que são destacados nos relatos de Gênesis 1.26-31 e 2.5-8 e sua importância na comunidade cristã.

Gênesis 1 foi escrito por um grupo sacerdotal por volta do século 4 ou 5 a.C., contendo uma forte ligação com a mitologia babilônica. Em Gênesis 1, o foco está na criação. A relação do homem com os seres criados é de dominar; em Gênesis 2, o texto não é sacerdotal, e sim, pré-sacerdotal, escrito provavelmente com fontes orais, não sendo possível datar com precisão. Estima-se que foi escrito por volta do século 8 e 9 a.C. Gênesis 2 está focalizado no homem, e sua relação com os outros seres da criação é de servir.

É necessário que tenhamos atitudes concretas, e crendo em Deus, não sejamos irresponsáveis, descuidados com nossos corpos e com o meio no qual vivemos e do qual desfrutamos de sua beleza infinita, sem desviar do nosso compromisso presente de fazer diferença, sem nos afastar do CRIADOR e adorar a criação. A terra clama, a degradação da natureza é uma consequência direta da queda do homem.

O cuidado com ela e os animais deve ser verdadeiro, como está escrito em Deuteronômio 22.6-7: *“Quando encontrares algum ninho de aves no caminho em alguma árvore, ou no chão, com passarinhos ou ovos, não tomarás a mãe com filhotes. Deixarás ir livremente a mãe, e os filhotes tomarás para ti; para que bem te vá, e*

3 Karl MÜLLER. *Teologia da Missão*. Ed. Vozes, 1995, p. 111

para que prolongue teus dias”. E ainda no Salmo 24.1. *Do SENHOR é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.*

I. ECOLOGIA, PRINCÍPIOS AMBIENTAIS E MEIO AMBIENTE

No momento atual, nossas posturas, atitudes e procedimentos com o meio ambiente podem determinar a sobrevivência planetária e interplanetária. Essas posturas estão intimamente ligadas com a nossa responsabilidade de mudanças, que está em cada um de nós. Começar conosco mesmos, ensinando-nos a não fechar as nossas mentes para as ideias novas significa iniciar esse processo de reconstrução agora. Assim, nós e nossos filhos poderemos tomar parte na reconstituição da própria civilização.⁴

Embora, no passado, não se tivesse um conceito definido sobre ecologia, essa área da ciência preocupava os pensadores da antiguidade, como Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.) que, em seu livro *História dos Animais*, percebia a interação das espécies no seu habitat, por meio da cadeia alimentar, observações estas, mencionadas na obra *Filosofia da História*.⁵ Somente em 1866, o naturalista alemão Ernest H. Haeckel denominou essa ciência de “ecologia”, palavra de origem grega, *oikoslogia* que significa “estudo da casa”.⁶

4 Alvin TOFFLER. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980

5 W. DURANT. *A História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996.

6 R. MARGALEF. *Ecologia*. Barcelona, Omega, 1982

Capra⁷ e Simpson⁸ abordam o tema ecológico e pedagógico, descrevendo em suas obras as influências nefastas e deturpadoras que tiveram repercussões éticas, ideológicas e políticas, que foram e continuam sendo um legado negativo do uso da tecnologia e da ciência, cuja finalidade visava o domínio da natureza, sem o cuidado da preservação e da reposição das espécies.

Simpson⁹ cita Darwin, em sua obra *A Origem das Espécies*, para mostrar o efeito causado pela ideia da seleção natural, em que o equilíbrio entre as espécies é alcançado apenas pela eliminação ou luta entre elas. A seleção possibilitaria, dessa forma, o equilíbrio, ao evitar a superpopulação. Ocorre, porém, que esse ensinamento gerou um enorme equívoco, ao se interpretar popularmente que “a natureza teria garras e dentes sangrentos”.

Dias¹⁰ relata que filósofos, cientistas, artistas, religiosos têm, ao longo da escalada humana, expressado a sua admiração pela natureza, e a sua preocupação em protegê-la. Foram legadas reflexões filosóficas de grande sensibilidade, pelas culturas orientais e gregas, a respeito das relações entre homem-natureza.

Em 1863, Thomas Huxley escrevia sobre as interdependências entre os seres humanos e os demais seres vivos no seu ensaio “*Evidências sobre o Lugar do Homem na Natureza*”. No ano seguinte, George P. Marsh, no seu livro “*O Homem e a Natureza*”, apresentou um exame detalhado da ação do homem sobre os recursos naturais, e chamava a atenção para as causas do declínio

7 Fritjof CAPRA. *Teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

8 G. G. SIMPSON. *O Significado da Evolução*. São Paulo: Pioneira Editora, 1962.

9 G. G. SIMPSON, op. cit., p. 29.

10 G. F. DIAS. *Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental*. São Paulo: Global, 1994.

de civilizações antigas, acentuando que as civilizações modernas poderiam estar no mesmo caminho.

As primeiras evidências de uma preocupação ecológica mundial, embora não haja nenhuma menção de maneira explícita, surgiu em 1945, na Organização das Nações Unidas. Na época, propunha-se como tarefa fundamental a segurança mundial. Em 1972, na esteira da ONU, o Clube de Roma lançou um alarme ecológico sobre o estado doentio do planeta Terra. Após estudos e debates, esse grupo identificou como a principal causa o “padrão de desenvolvimento consumista, predatório e perdulário”. Desde então surgiu, nos meios que estudam a questão ecológica, o termo “desenvolvimento sustentado”.

A questão ecológica transcende o cuidado com a criação, sendo necessário um novo pacto social de responsabilidade entre todos os humanos, o que implicaria uma revisão das estruturas mais cristalizadas da sociedade mundial. Um documento foi escrito e chamado de “Carta da Terra”.¹¹

Ela enumera pelo menos quatro pontos básicos que precisariam ser revistos por esse pacto: respeito e cuidado da comunidade da vida; integridade da vida; justiça social e econômica; democracia, não-violência e paz. Ou seja, a questão da ecologia passa necessariamente por um espectro muito mais amplo, envolvendo questões sociais, políticas e econômicas ao redor do planeta.

A partir de então, um longo caminho foi percorrido através de conferências, congressos, declarações, recomendações, princípios e

11 A Carta da Terra é um documento que foi trabalhado por mais de 46 países e cerca de 100 mil pessoas. Depois de finalizado em março de 2000 aguarda o endosso da Organização das Nações Unidas. Pretende-se que após aprovada pela ONU, ela tenha o mesmo valor que a Carta dos Direitos Humanos. <http://www.culturabrasil.org/cartadaterra.htm>.

estratégias, culminando na famosa Agenda 21 da Eco Rio-92, e, mais recentemente, com a elaboração de “A Carta da Terra”, encontro ocorrido em dezoito a dezenove de março de mil novecentos e noventa e sete, na cidade do Rio de Janeiro, também conhecido por Rio+5.

Nesses últimos encontros, ficou clara a necessidade de se respeitar os valores que tornem a sociedade humana mais justa, tais como, o estudo da sociedade em si, a ética, o respeito à vida, a responsabilidade, a honestidade, a amizade entre outros, a democracia. Todos esses princípios, na verdade, são apontados como a base que define a prática da Educação Ambiental (EA).

Portanto, o resgate desses valores deve ser realizado pela EA, a educação clássica formal não cumpriu seu papel, pois parece ter se preocupado apenas com um massivo ensino teórico. A EA veio aliar a teoria à prática, na tentativa de resgatar os valores já mencionados.

Segundo o Fórum Global, evento que ocorreu durante a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, no Rio de Janeiro, em 1992 (Rio-92), reafirma-se os princípios da educação para sociedades sustentáveis e responsabilidade global:

“1. A educação é um direito de todos; somos todos aprendizes e educadores.

2. A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos: formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.

3. A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.

4. A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social.

5. A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma

interdisciplinar.

6. A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas.

7. A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente, tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna, devem ser abordados dessa maneira.

8. A educação ambiental deve facilitar a cooperação mútua e equitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas.

9. A educação ambiental deve recuperar, reconhecer, respeitar, refletir e utilizar a história indígena e culturas locais, assim como promover a diversidade cultural, linguística e ecológica. Isso implica uma revisão da história dos povos nativos para modificar os enfoques etnocêntricos, até de estimular a educação bilíngue.

10. A educação ambiental deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promover oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isso implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos.

11. A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.

12. A educação ambiental deve ser planejada para capacitar as pessoas a trabalharem conflitos de maneira justa e humana.

13. A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com a finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião, classe ou mentais.

14. A educação ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores.

15. A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.

16. A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos”.¹²

A natureza vem sendo massacrada, de forma contínua e infalível, posto que as palavras dos governos que estão à frente dos destinos deste planeta não condizem com a realidade dos fatos. Falam a linguagem dos ambientalistas, com o desencantado desenvolvimento sustentável, mas, na prática, a realidade é outra. Caso mais recente é o dos Estados Unidos da América, que levou o presidente a recusar-se a assinar o “Protocolo de Kyoto”, o qual estabelece regras para diminuir, a níveis aceitáveis, a quantidade de gases poluentes na atmosfera, afirmando, conforme Dias, que essa assinatura iria inviabilizar o desenvolvimento econômico do país.¹³

É necessário que entendamos as leis que regem a dinâmica da vida na natureza e sua harmonia, bem como estar ciente de que não nos faltam ciência e tecnologia para enfrentar a maioria dos problemas. Falta-nos um querer fazer.

Não é desde há muito tempo que a igreja se preocupa, de forma contínua e sistematizada, com os problemas da natureza, refletindo teologicamente sobre as condições do meio ambiente, as suas possíveis consequências para a vida e a nossa responsabilidade na preservação da criação.

12 Ana L.T. de Aquino LEITE e Nana MININNI-MEDINA (Coord). *Educação ambiental: curso básico à distância*. 5v. Brasília: MMA, 2001.p.69-70.

13 G. F. DIAS. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 2000.

Mesmo que na conferência sobre o meio ambiente promovida pelas Nações Unidas em 1972, em Estocolmo, um representante da Comissão das Igrejas para os assuntos internacionais do Conselho Mundial de Igrejas esteve presente e teve uma intervenção importante, realmente foi só na década de 1980 que as igrejas começaram a levar mais a sério a problemática da criação e da responsabilidade cristã para com ela. Tomaram iniciativas que culminaram com a realização da Assembleia Ecumênica Europeia de Basileia em 1989, sob o tema “Paz e justiça para toda a criação”, e com o congresso mundial de Seul, organizado pelo CMI em 1990, para ser o ponto alto do programa “Paz, justiça e integridade (salvaguarda) da criação”.

A continuação desse programa havia de ser decidida na Assembleia Geral do CMI, realizada em Camberra em 1991, e, finalmente, o Comitê Central do CMI decidiu, em 1994, na África do Sul, que uma das quatro unidades de serviço do Conselho se chamaria precisamente “Paz, Justiça e Integridade da Criação”, e se ocuparia de forma regular e sistemática de toda essa problemática.

Ecologia e suas facetas

O termo ecologia surgiu no final do século 19 para designar a inter-relação entre plantas e animais nos seus respectivos ambientes. Somente em meados do século 20, o termo começou a ser aplicado também às comunidades humanas, recebendo a acepção corriqueira de ciências que estudam a estrutura e o desenvolvimento das “comunidades humanas em seu processo de adaptação ao ambiente, tomando em consideração os efeitos advindos deste processo”.¹⁴

14 Vitor WESTHELLE. Art. “A voz que vem da natureza: . In: Estudos teológicos.

Estando todo o planeta experimentando mudanças profundas, especialmente a que se refere ao habitat maior das pessoas, observa-se uma mudança radical e profunda da zona rural para a zona urbana. É nesse contexto, agora urbano, que os valores e princípios do Reino de Deus precisam ser vivenciados pela igreja do Senhor Jesus, como uma nova compreensão teológica da missão.

Ferry,¹⁵ um escritor francês e professor de filosofia, lembra que, para alguns, ecologia é uma ciência, enquanto para outros é uma política. “A ecologia, politicamente nascida nos anos 60, toma hoje o lugar dos movimentos contestadores que marcaram a história do final do século 20”. Para ele, existem três visões bem distintas da ecologia nos países nos quais ela se estruturou.

A primeira é uma visão humanista, em que, por meio da proteção do meio ambiente, é o homem que procura se salvar. Nessa visão, o meio ambiente em si não tem um valor intrínseco. A visão humanista da ecologia, antropocentrada, diz que a natureza tem papel indireto – o centro é o homem. O meio ambiente é nossa periferia, o que engloba, envolve o homem.

A segunda visão se baseia no princípio de que não se deve apenas lutar em defesa dos direitos do homem. Deve-se visar também à ampliação do bem-estar de tudo o que se encontra na terra. Assim, atribui-se um valor, pelo menos moral, a certos seres não humanos e aspira-se a um bem-estar de todas as espécies.

A terceira visão sobre ecologia verbaliza a reivindicação de um “direito das árvores e das pedras”, ou seja, da natureza como tal. Os princípios dessa ecologia mais radical passam pela revisão do

São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p. 16 .

15 L. FERRY. Art. “Ecodúvidas”. In: *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*, 1993, p. 173

conceito de humanismo moderno. Não se trata mais de considerar o homem como centro do mundo, e sim o cosmos, que, se necessário, deve ser protegido do próprio homem.

O ecossistema – ou biosfera – passa a adquirir valor próprio, superior ao da espécie humana. A visão cristã contrasta com as três acima citadas. Logo no primeiro versículo da Bíblia, uma diferenciação é posta de maneira clara: *No princípio criou Deus os céus e a terra* (Gn 1.1). Há um Criador, há uma criação. Isso nega todo materialismo que diz não haver um Criador, e nega todo panteísmo que eleva a criação ao nível de Deus.

Todo o drama ecológico ressalta a incapacidade do ser humano de “conviver” com as demais criaturas, sem lhe causar danos. Mostra-se incapaz porque, não conseguindo descobrir o ser profundo das coisas, posiciona-se como senhor absoluto de tudo. Como vimos, o ser humano recebe a ordem de *“enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”* (Gn 1.28). De acordo com Westhelle¹⁶

“a questão do domínio aparece como uma tarefa democratizadora. Dominar os animais é estabelecer uma convivência pacífica. Neste sentido que a conversão à Natureza, mais do que uma atitude romântica, constitui-se uma atitude de profundo respeito por todas as formas de vida. Cada criatura tem o seu próprio lugar e a sua própria função. Somos responsáveis de evitar que espécies sejam extintas. Os problemas ecológicos revelam o gemido da criação”.

II. GÊNESIS E O MEIO AMBIENTE

16 Vitor WESTHELLE, op. cit., p. 20-21

As narrativas da criação, no Gênesis, sendo lidas em comparação com as narrativas de criação dos povos vizinhos de Israel revelam a mão poderosa, a preferência de Deus pela vida, vida de todos, animais, plantas e pessoas. Não há nada que se exclua da criação de Deus. A criação é, portanto, sinal de Deus no meio dos homens.

A responsabilidade humana diante de Deus é muito grande, dado o alto valor de tudo o que foi criado, não apenas pelo valor extrínseco, o que aparenta ser, mas, também pelo intrínseco, pois, acima de tudo, é obra das mãos de Deus e do poder da sua palavra, ao criar todas.

No princípio, criou Deus o céu e a terra (Gn 1.1). O verbo hebraico traduzido por criar é ברא, o que significa que tem somente Deus como sujeito e nunca outra pessoa caracteriza o ato de criação por parte de Deus como um gesto espontâneo, incomparável, livre e sem analogia, revelando o profundo e extraordinário trabalho de Deus, em criar, do primeiro ao sexto dia, uma quantidade enorme de coisas, e ver que tudo era bom (Gn 1.25).

Deus expressa o seu grande contentamento com toda a sua obra: *E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom!* (Gn 1.31). Notemos que, no primeiro capítulo de Gênesis, o homem aparece como o vértice de uma pirâmide, é a última criatura feita por Deus. Das seis vezes que o termo hebraico ברא aparece no capítulo 1, ocorre três vezes no versículo 27: *E Deus criou o homem segundo sua própria imagem, criando-o à imagem de Deus, criando-os homem e mulher.*

Se fossemos enumerar o pensar de Deus, a partir de Gênesis 1, poderíamos fazê-lo da seguinte maneira: 1- a natureza é intencional, é uma obra deliberada. 2- A natureza é a expressão da

vontade de Deus. 3- A natureza é revestida de racionalidade, já que é resultado do pensar de Deus. 4- A terra é um sistema destinado a fornecer o suporte imediato da vida – tudo nela foi preparado para dar condições à existência humana. 5- A vida tal como se apresenta nos seres humanos representa o ponto de mais alta complexidade, em todo o processo da criação.

No princípio criou Deus os céus e a terra (Gn 1.1). Quando cremos, de fato, nesse versículo, temos pouca dificuldade de crer em todo o restante da Palavra de Deus. Sendo assim:

“Uma correta visão do mundo, com base religiosa, é uma concepção do homem como ser dotado de faculdades racionais e de autoconsciência, que o diferem do restante da Natureza, e lhe conferem atributos e problemas que os outros seres vivos não têm. No âmbito da narrativa da criação, vamos encontrar três textos em que esta concepção do homem é apresentada e detalhada, com uma amplitude como não se encontrará em nenhuma outra parte das Escrituras. A narrativa é rica em detalhes e em conteúdos; a primeira ideia que o texto passa é a certeza de que o homem é o final de uma longa cadeia criativa: do inanimado para a vida, da vida vegetal para a vida animal, e desta para o homem. Deus encontrou o ponto terminal de sua atividade criativa: com o homem o mundo está completo. O homem é um ser que se define através de uma equação única: ‘argila do solo’ + ‘hálito de vida’ = homem (‘ser vivente’). Desta forma bela e simples, o texto sagrado exprime a dicotomia básica do ser humano, a sua eterna divisão entre o material (o imediato, o visível, o físico, o biológico) e o espiritual (o transcendente, o eterno, o divino). O homem é um ser vivente, exatamente porque é capaz de compartilhar essas duas esferas da realidade, e ele jamais poderá ser completamente feliz e realizado se abandonar qualquer uma dessas esferas a que está vinculado. Devemos lembrar que, depois do homem nada se cria. Depois do homem vem o repouso de Deus”.¹⁷

17 Paulo F. OLIVEIRA. *Uma sinfonia para a vida*. São Paulo: ABU, 1994. p. 39-41

1. Mandato cultural

As forças da natureza foram e sempre serão gigantescas, quando comparadas às nossas pequenas capacidades e habilidades, de modo que o contínuo progresso e domínio sobre essas forças, mesmo que se apresente aos nossos olhos como espetacular, jamais deixará de ser apenas um leve arranhão na superfície quase infinita dos problemas que ainda temos para desvendar. “A natureza que recebemos de Deus é maravilhosa e imensa demais, complexa e fascinante como o próprio caráter de Deus, sempre infinita quando comparada à nossa humanidade perecível e transitória”.¹⁸

Há, pelo menos, duas maneiras de estabelecermos as bases para a percepção da criação: por meio das ciências naturais e da religião. Não que um negue o outro ou o descarte, mas, uma abordagem partindo da religião poderá, com muito mais facilidade, abarcar o conhecimento científico. “A situação inversa, nem sempre, fará o mesmo. É preciso afirmar que, o texto de Gênesis 1, não foi escrito para ser compreendido à luz do que a ciência tenha para nos dizer, seja qual for o seu estágio”.¹⁹

A formação do universo surge de uma intenção de Deus, de eliminar o vazio, transformando-o em cosmos. Não foi um processo aleatório, mas exigiu uma definição de Deus. Por sete vezes, aparece a expressão: *E disse Deus!* É o pensar de Deus que traz à existência as sucessivas etapas da criação. A natureza é uma obra intencional, é a expressão da vontade de Deus, ela é revestida de racionalidade, já que é o resultado do pensar de Deus e é um sistema destinado a

18 Paulo F. OLIVEIRA, op. cit., p. 11.

19 Paulo F. OLIVEIRA, op.cit., p. 27

fornecer o suporte imediato da vida.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja pela terra”. E disse Deus, ainda: “Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície da terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente. Isso vos será para mantimento” (Gn 1.27-29).

Também disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem conforme a nossa semelhança”. O homem é a imagem de Deus, porque o representa e está investido de sua autoridade. Deus é aquele que cria o universo e os seres viventes. Os textos bíblicos descrevem como Deus cria por meio de sua palavra ou por meio de ações, incluindo materiais como, por exemplo, o barro. *“Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.”* Pelo menos até o período neolítico (3000 a.C.), os animais representavam uma ameaça à própria raça humana, que era estimada em 100 milhões de habitantes.²⁰ São as comunidades humanas, o elo fraco no equilíbrio.

Porque os seres humanos são criados à imagem de Deus, são chamados a governar a terra como vice-regentes de Deus. Sabemos que muitos têm compreendido mal o sentido bíblico da corregência ou da mordomia, pois essa tarefa não nos permite explorar e subjugar ilimitadamente a natureza.²¹

20 Vitor WESTHELLE. Art. “A voz que vem da natureza”. In: Estudos teológicos. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p. 21

21 H. PESKETT & V. RAMACHANDRA. *A mensagem da missão: a glória de Cristo em todo o tempo e espaço*. São Paulo, ABU Editora, 2005, p. 45.

A humanidade recebe de Deus a ordem de agir como seu representante sobre a terra e suas criaturas. Assim, deve tratar a criação da mesma maneira que Deus o ordenou. O jardim deveria ser dominado pelo ser humano. No entanto, “a criação existe não para servir a interesses humanos, mas para refletir a glória de Deus (Jó 12.10; Sl 148.7-10.14)”.²²

Gênesis 1 e 2 descrevem Deus como uma espécie de “Deus trabalhador”. Deus “formou” (יצר) Adão, “plantou” (נָטַע) o jardim e “construiu” (בָּנָה) Eva do lado santo de Adão. São três termos, os mais humanos possíveis, usados constantemente para os ofícios correspondentes a oleiro ou escultor (Is 45.9; 64.8), agricultor e carpinteiro.

Em particular, o verbo יצר é usado para numerosos aspectos da ação salvífica de Deus: Deus “formou” a Israel (Is 43.21; 44.1s, 24; cf. 27.11). Também, נָטַע, pode ter sentido salvífico: Deus “plantou” a Israel (Jr 2.21; 11.17; 31.28). Em outras passagens, o verbo בָּנָה se aplica a Israel. Deus promete a Davi construir uma casa e um trono (2Sm 7.27; Sl 89.3s); depois, promete reconstruir o povo no seu retorno do cativeiro (Sl 102.16s; 147.2).

Esse relato, no hebraico original, caracteriza-se por uma série de jogos de palavras, tão simpáticos como significativos. Destes, três são especialmente importantes, segundo a evidente intenção do autor:

“1- Em 2.7, o autor diz que da terra (*adamah*), Deus fez *adam*; o jogo *adamah/adam* destaca, fortemente, a inseparável e essencial vinculação entre o ser humano e a terra, entre *homos* e *humus*. Aqui, temos uma forma muito diferente da do capítulo 1º. Uma nova e dramática insistência na materialidade, que depois, vai caracterizar todo o plano da salvação; 2- O segundo jogo de palavras destaca a solidariedade misteriosa e profunda

22 H. PESKETT & V. RAMACHANDRA, op. cit., loc. cit.

entre *ish* (varão) e *ishah* (varôa) (2.23), conforme homem/mulher, unidos, inseparavelmente, numa vida comum; 3- Do nome 'Eva', se faz um jogo com a palavra 'viver' (Gn 3.20 - Eva, *javah*; viver, *jayah*)²³.

É o Criador que implanta no homem sua própria criatividade e faz dele seu legítimo representante, confiando-lhe a mordomia de sua criação. Ao homem, como sua imagem, seu representante, Deus dá faculdade de reproduzir-se e lhe confia a mordomia do mundo.

A tarefa humana fundamental é o governo da realidade criada, em representação a Deus e sob sua autoridade. Esse é o mandato cultural, em cujo cumprimento o ser humano manifesta, efetivamente, que é *Imago Dei*. O homem completo, אדם assemelha-se a Deus porque a ele foi confiada à mordomia da criação. Nisso se radica a base da responsabilidade humana no uso e cuidado dos recursos naturais, bem como, no desenvolvimento científico e tecnológico.

Para J. Stott,²⁴ mandato cultural se estabelece em três afirmações legítimas:

“1. Deus deu ao homem domínio sobre a terra. Assim, pois, desde o princípio, os seres humanos foram dotados de uma dupla unicidade: têm a imagem de Deus (que compreende qualidades racionais, morais, sociais e espirituais que tornam possível nosso conhecimento dele), e exercemos domínio sobre a terra e suas criaturas. De fato, o caráter único do domínio sobre a terra se deve ao caráter único da nossa relação com Deus.

2. Este domínio é corporativo. Ao exercer o domínio recebido de Deus, não se cria os processos da natureza, senão que se coopera com eles. Neste sentido é um senhor, de acordo com o propósito de Deus e seu

23 J. B. STAM. *Las buenas nuevas de La creación*. Editora Nueva Creacion, 1994, p. 26.

24 John STOTT. *La fé cristiana frente a los desafios contemporaneos*. Editora nueva creacion, 1991, p. 32.

mandato. Porém, também, é um filho em sua dependência última da providência paterna de Deus, que é quem lhe dá a luz do sol, a chuva e estações frutíferas do ano.

3. Este domínio é delegado e, portanto, responsável. O domínio que exercemos sobre a terra, não nos pertence por direito, senão, somente por favor. A terra nos ‘pertence’ não porque a criamos nem porque somos seus proprietários, senão, porque seu Criador no-la tem confiado para dela cuidar”.

Não há como ocultar a intenção do texto: o homem foi colocado sobre a terra para exercer domínio e controle sobre todas as formas de vida! É interessante notar que o texto não diz que o homem tem o domínio sobre a natureza, no sentido de que a ele foram entregues os rios, os mares, as terras e a atmosfera, mas, ao homem foi dado, tão-somente, o domínio sobre a vida, permanecendo a natureza diretamente ligada ao Criador, enquanto base de apoio da vida.

Sabemos que, para a tradição judaica, o nome de qualquer coisa significa a essência dessa mesma coisa, de modo que o nome traduz o que a coisa é. Por isso, havia o cuidado em dar aos filhos nomes que tivessem um sentido bem determinado, em geral, ligado às circunstâncias do nascimento da criança. Também, dar o nome é um direito dos pais, o que significa uma confirmação de sua autoridade paterna.

Portanto, ao permitir que o homem denomine o que foi criado, Deus reafirma a primazia do homem sobre a vida criada e os seus direitos de dominador. No versículo 5 de Gênesis 2, lemos que não havia, ainda, nenhum arbusto e nenhuma erva na terra, em parte porque, até então, não havia chovido, mas também, porque “não havia homem para cultivar o solo”. Arbustos, ervas, árvores, sementes, frutos, chuva, enfim, toda a criação necessita do serviço do

homem. Encontramos o verbo עבד que tem como significado “serviço de escravo para o seu senhor”, ou seja, o homem deve trabalhar na terra para que ela possa produzir.

Talvez, nenhuma outra passagem dessa narrativa da criação seja tão marcante quanto esta, em sua capacidade de mostrar a intencionalidade da criação e a busca do ser humano de um ser igual a ele. De forma concisa e extremamente clara, temos aqui indicadas as atividades básicas do ser humano: trabalhar e conservar a natureza. Trabalhar para prover o sustento material de que carece para preservar a sua existência, produzindo toda a gama de serviços e bens que o estilo de vida de sua época indique como necessários.

As primeiras responsabilidades que Deus deu a Adão e Eva tornam explícitas certas atividades que integram a verdadeira essência, como seres humanos. Essas atividades, primariamente, envolviam sua existência como seres sociais: vida a dois (procriação e fazer surgir a humanidade), trabalho (domínio, cultivo, guarda) e governo.

Deus usou palavras-chave como: “dominem, cultivem, preservem e coloquem nomes em todas as criaturas”. Essas ordens marcam o início de uma série de outras obrigações, ainda por vir: constituir família e comunidade, estabelecer a lei e a ordem, fazer surgir as culturas e civilizações, e as preocupações ecológicas que se ampliam e se aprofundam, através das Escrituras.

Por meio dessas responsabilidades ou mandatos, Deus chama todos os que trazem sua imagem e semelhança, para serem mordomos da criação, participando assim, com responsabilidade, nessa tarefa. Desse modo:

“Não é surpresa o fato de que, ao criar a raça humana, de acordo com sua imagem e semelhança, Deus transfere para os seres humanos seu próprio

instinto criativo. Esse instinto criativo é admitido como secundário e derivado, pois, é limitado pelo potencial de cada um e pela disponibilidade de material com o qual se possa expressar essa função criativa. Além disso, este instinto precisa ser descoberto, treinado e então usado como serviço em favor de outros e não para o próprio poder, benefício e deleite. Isso significa que, as possibilidades criativas devem ser mostradas claramente e colocadas, firmemente, para capacitar todo aquele que estiver no seu exercício, em benefício de outros. O Mandato Cultural, literalmente, implica que, enquanto a raça humana exerce controle sobre a terra, sob a direção de Deus e para Sua glória, encontrará, também, resistências”.²⁵

Nada acontece a não ser pelo agir de Deus. No ápice da obra divina, ergue-se o homem criado, reflexo visível do Criador, príncipe do mundo da graça, da luz e da vida. Do barro Javé, como um oleiro, forma uma estatueta. Soprando-lhe ele nas narinas, ela se torna ser vivente. A origem, a essência e o propósito do homem tornam-se claros e especiais, nos relatos da criação, pois, em relação a todas as outras criaturas, as narrativas são menores e sem muitos detalhes. Entretanto, há uma especial atenção, um registro mais demorado e alongado.

2. Relação entre criação e a dignidade humana

Stott,²⁶ ao se deparar com os relatos da criação, encontra neles o que ele chama de dignidade humana, que se estabelece por três relações:

a) A primeira é a nossa relação com Deus - os seres humanos

25 Arthur GLASSER. Art. “Anunciando o reino”. In: www.igrejapresbiteriana.org/diaigreja, acessado em 01/02/2010.

26 John STOTT, op. cit., p. 167.

são seres de semelhança divina, criados à imagem de Deus, segundo seu propósito. A imagem divina compreende aquelas qualidades racionais, morais e espirituais que nos separam dos animais e nos vinculam a Deus.

b) A segunda é a nossa relação uns com os outros - o Deus que criou a humanidade é um ser social, um Deus que compreende em si mesmo três pessoas, eternamente distintas. Portanto, Deus fez o homem, varão, e a mulher, e os mandou procriar. A sexualidade foi criada por Deus, o casamento foi instituído por ele, e o companheirismo humano estava em seu propósito, quando disse: *“Não é bom que o homem esteja só”*. De maneira que, todas as liberdades humanas que chamamos de santidade do sexo, o casamento e a família, o direito de se reunir e o direito de ser respeitado, sem distinção de idade, sexo, raça ou condição, correspondem à segunda categoria de nossa relação de uns para com os outros.

c) A terceira é nossa relação com a terra e suas criaturas - Deus nos tem dado o domínio, com o mandato de sujeitar e cultivar a terra fértil e governar sobre suas criaturas. De modo que, os direitos humanos que chamamos de direito ao trabalho e ao descanso, o direito de participar dos recursos da terra, o direito à alimentação, o vestir e o morar, o direito à vida e à saúde e à sua proteção, assim como a libertação da pobreza, da fome, da enfermidade, correspondem à terceira classificação da relação com a terra.

E Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação (Gn 2.2-3). O dia de repouso se destina a lembrar ao homem que ele foi posto no mundo provido abundantemente de

tudo o que é necessário, e de muitas coisas belas. Para o homem libertado por Deus, a semana não se encerra com um dia de repouso, ela começa com ele. Segundo Wolff,²⁷

“que mais pode o homem fazer no seu trabalho do que cuidar de que aquilo que foi preparado pelo Criador seja acolhido e aproveitado devidamente e não estragado, mas protegido contra a destruição pelo abuso humano? Sem o olhar para a obra anterior de Deus, o homem não encontra a relação devida nem para com o trabalho nem para com o repouso”.

Gênesis 2 é a ordem probatória dada ao homem! Essa ordem probatória tinha duas tarefas: primeiro – cultivar e preservar o jardim; segundo – comer livremente de todas as árvores, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A primeira tarefa define seu relacionamento com a terra, enquanto a segunda, define seu relacionamento com o Deus. O homem só poderia cumprir sua missão com relação à terra, se ele não tivesse quebrado a conexão que o unia ao céu, ou seja, somente se ele continuasse a obedecer a Deus. Ele deveria servir a Deus e servir-se a si mesmo, enquanto servia a terra.

Trabalho e descanso, domínio e serviço, vocação terrena e celestial, civilização e religião, cultura e culto, esses pares caminham juntos desde o princípio. Eles pertencem e estão contidos na vocação do grande, santo e glorioso propósito do homem. Toda cultura, isto é, todo trabalho que ele realiza para subjugar a terra, seja por meio da agricultura, da pecuária, do comércio, da indústria, da ciência, ou de qualquer outra forma, é o cumprimento de um mandato divino. No entanto, para que o homem, realmente, cumpra esse mandato divino, ele tem de depender de Deus e obedecer à sua Palavra. A religião

27 Hans Walter WOLFF. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1983, p. 186.

deve ser o princípio que anima toda a vida e que a santifica, a serviço de Deus. Para Agostinho, o grande teólogo cristão do século 4, suas noções de criação podem ser assim resumidas:

“Deus fez tudo por criação. O mundo, pois, não é antídívino. Porque Deus criou o mundo livremente, por isso está perto dele. Porque o criou do nada, existe uma distância. Tudo, pois, sem exceção é bom. Também a matéria pela criação *ex nihilo*. Essa é uma afirmação constante de Agostinho, que procura explicar essa criação, afirmando que Deus cria o mundo sem uma matéria prima preexistente sobre a qual agiria o ato criador. A criação tem a sua universalidade: o mundo tem começo, ele é temporal, não é eterno. A criação é obra da Trindade. Deus cria por amor. A criação é teofania, espetáculo de luz e de vozes que proclama a beleza de Deus, através de sua própria beleza. Para se ver a natureza de Deus é preciso a superação do materialismo e a elevação da humildade. Pergunte que é o que ama um homem, não pergunte pelo que sabe. Não existe nada mais querido a Deus do que sua imagem. Por isso, colocou ele tudo debaixo do homem e o homem debaixo de si. Queres que tudo o que Deus fez esteja aos teus pés? Fica debaixo de Deus... De tal maneira Deus ordenou as coisas criadas que colocou a sua imagem debaixo de si e tudo o mais debaixo dela.”²⁸

Para Agostinho, o homem é um mistério e um ser surpreendente. Os seres humanos são os mais preciosos da criação. Essa interpretação da criação, eminentemente antropocêntrica, é também agostiniana. Devemos acrescentar que ele, o homem, é o guardião e agricultor da criação e, ao mesmo tempo e enquanto tal, totalmente dependente e orientado para Deus. “Agostinho não concorda com os autores que defendem que o mundo criado por Deus desenvolve de um modo completamente autônomo para além de qualquer outra influência de Deus. Esta opinião leva a negar uma

28 Cf. www.igreja.presbiteriana.org/diaigreja, acessado em 02/02/2010.

relação estável entre a criação e seu Deus”.²⁹

O motivo do homem, imagem de Deus, não implica explicação alguma direta da natureza dessa semelhança divina; seu centro de gravidade se acha, antes, na definição do fim para o qual ela foi comunicada ao homem. A dificuldade para nós está no fato de que o texto considera a simples declaração dessa semelhança com Deus como suficiente e explícita. Podemos dizer, a tal respeito, duas coisas: as palavras *צֶלֶם*, “imagem, estátua, objeto esculpido” e *דְמוּת*, “semelhança, equivalência”- sendo que a segunda interpreta a primeira, salientando a noção de correspondência e de semelhança - referem-se ao homem todo, não exclusivamente à sua natureza espiritual, mas também, e principalmente, à glória de seu aspecto corporal.³⁰

A ação criadora de Deus chega ao seu clímax com a criação do homem, “imagem de Deus”. Basta assinalar que, o encargo conferido ao homem (representar o Criador enquanto à sua imagem; exercer em seu nome um domínio senhorial e tarefas de governo sobre o resto da realidade criada) outorga à doutrina criacionista bíblica um caráter de novidade revolucionária; o mundo saído das mãos de Deus não é uma magnitude fechada e concluída; agora, passa às mãos do homem para que ele o aperfeiçoe e dirija até o fim.

“Em Gênesis 1, resume, prodigiosamente, o discurso sobre o todo e o discurso sobre as partes, a expansão temporal de tudo (do primeiro ao sétimo dia, (do próton ao éschaton), e sua expansão espacial (do céu à terra e aos abismos marinhos). Nenhuma outra cosmogonia é tão globalizante quanto essa. Fora deste grandioso afresco, só nos resta a totalidade em fragmentos. E, mais do que nunca, hoje, quando a especialização

29 Idem.

30 Gerhard VON RAD. *Teologia do antigo testamento*. São Paulo: ASTE, 1973, p. 152.

crescente das ciências naturais pode oferecer apenas retalhos de um mundo fragmentado, e quando a tarefa de recompor a unidade é chamada de missão impossível, em certos círculos acadêmicos. O falar englobante acerca do todo, confirmar-se-á, vigorosamente, na cristologia cósmica do Novo Testamento”.³¹

Em 1 Coríntios 4.2, lemos: *Ora, além disso, o que se requer nos despenseiros é que cada um seja encontrado fiel*. Para quem tem juízo e personalidade de preservador, este é um aviso importante, administrar bem o que lhe confiado. Aqueles que destroem a terra serão destruídos. Isso está bem explícito na natureza, com respostas visíveis em nossos dias.

3. O gemido da criação

No jardim, o ser humano está colocado num espaço vital, onde existem os riscos de não guardar, não servir e da desobediência. Também não é possível diminuir atividade e forma culposa pela intervenção no meio ambiente. O jardim dispõe de irrigação garantida (Gn 2.5), o provimento de alimentação está assegurado (Gn 2.8s).

Junto com o triunfo da ideia do progresso “herdamos a consciência de que não só comemos do fruto da árvore da vida como também fincamos o machado no seu tronco”.³²

No princípio, Deus deixou o cuidado com mundo belo e perfeito a cargo da humanidade. A Bíblia diz, em Gênesis 2.15: *Tomou, pois, o SENHOR Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden*

31 Juan L. Ruiz DE LA PEÑA. *Teologia da Criação*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 35 e 37.

32 Vitor WESTHELLE, op. cit., p. 17.

para o lavar e guardar. Ele deseja que sejamos dignos de confiança na mordomia dos nossos recursos. Deus se compromete com a sua criação e não a abandona. A criação não pode ser imaginada sem a Sua presença criadora, histórica e salvífica.

A questão ecológica não é um problema técnico e não se trata de fazer certos ajustes. É necessário reorganizar e reorientar nossa compreensão de relação com a natureza. A crise ecológica exige uma renovação espiritual, apreciando a natureza como um lugar de epifania, apreciando a natureza como criação divina.

O ecossistema tem sido tratado a partir da perspectiva única da acumulação de riqueza. É devido a esse aspecto de embrutecimento que já não se consegue mais louvar ao Criador pelas obras que ele fez. O ser humano não consegue agir como criatura de Deus. Julga-se senhor sobre aquilo que o cerca: quer ser igual a Deus. Tornou-se escravo de sua própria cobiça. O ser humano se desumanizou.

Sabemos que há uma relação direta entre a destruição ambiental e os problemas sociais que acarreta. Por detrás, está o desrespeito com o valor fundamental da vida. Na destruição ambiental, o empobrecimento e a marginalização de povos inteiros transgridem a ordem criadora.

Podemos nos conscientizar também desse fato quando lembramos que a proteção ambiental resulta em um combate isolado e inócuo dos sintomas em vez das causas, se os desafios ecológicos pelo valor fundamental da vida não forem compreendidos na sua plena abrangência do complexo social. O nosso SIM à criação e ao meio ambiente, em todo o caso, deve ser acompanhado do nosso NÃO às distorções no sistema global, isto é, na economia, na tecnologia, na produção e no consumo.

Como obra da graça e ordem divinas, incluídos na graça

da aliança de Javé, a natureza e o meio ambiente merecem, por si mesmos, respeito; o ser humano faz parte da criação, que traz em si salvação e bênção; dentro dela e não contra ela lhe foi destinado seu lugar. O ser humano, portanto, deve cumprir sua função e a tarefa que lhe cabe de acordo com as necessidades da natureza. No primeiro relato da criação, podemos verificar que os seres vivos foram adaptados aos espaços vitais que foram criados.

Quando Israel chegou à “terra prometida”, os camponeses cultivavam a terra na plena consciência de sua intervenção na natureza. O camponês israelita tinha que retirar da natureza a alimentação vegetal e animal: ele desmata ou queima as florestas (Js 17.14ss) para cultivar terras virgens; ele rasga o solo, prende e domestica os animais (Gn 2.20). Ele percebia com maior intensidade o poder doador do meio ambiente (Sl 104.10s). Por isso, os seres humanos podem habitar sobre toda a terra (Gn 9.19; 10), porque a terra lhes foi cedida como espaço vital (Gn 2.19; 8.22; 9.19), porque dispõe para o seu sustento e sua vestimenta da terra cultivada com o solo arável e pastagem (Gn 2.5, 3.17-19, 4.2), com animais e plantas. O alimento diário, portanto, não dependia apenas do esforço próprio, mas era antes um presente dado pelo meio ambiente, representando um benefício e dádiva de Deus.

De acordo com Gênesis 2.15, o homem não foi criado somente para o prazer idílico e bem-aventurado, mas para o trabalho na lavoura e a preservação do meio ambiente. O javista opõe-se à agressão ambiental da época salomônica, que beneficiava uma classe superior, a qual levava uma vida frívola e regalava-se com condições luxuosas. Em 1 Reis 5.28 e 2 Crônicas 2.15, relata-se que milhares de lenhadores dizimaram as matas do Líbano para que fossem realizados projetos ambiciosos, como a casa da floresta do Líbano (1Rs 7.22ss; 2Cr 2.7ss). Nesse contexto, é notável que,

em 2 Reis 19.23ss, a arrogância dos tiranos assírios é relacionada justamente com o cortar dos cedros do Líbano, que Deus havia plantado. Em 1 Reis 9.26, fala-se da construção de navios a mando de Salomão, que trouxe prejuízos às madeiras de Edom. É óbvio que os projetos megalômanos da época salomônica devem ter levado a uma degradação do meio ambiente local. No entanto, há de se salientar que, segundo 1 Reis 10.27 e 2 Crônicas 1.15, houve um reflorestamento em e ao redor de Jerusalém.

Movidos por seus delírios de poder, no qual povos inteiros eram pisoteados e triturados, campos e terras devastadas, os reis do antigo oriente, revestidos de poder divino (Sl 8.6), não somente trouxeram o mal sobre a população civil, mas também sofrimento inominável sobre a fauna e a flora.

A natureza está à nossa mercê. Nós podemos guardá-la e cultivá-la (Gn 2.15) e fazer dela um jardim; assim viveremos. No entanto, podemos envenená-la ou transformá-la em um deserto, e assim sucedendo, morreremos. A julgar pelo que acontece nos últimos anos, estamos avançando para a morte. A criação de Deus encontra-se envenenada, poluída, devastada e seca.

A devastação e depredação arbitrárias da natureza têm nos ensinado que nem tudo é renovável nesta terra. O que exterminarmos com insensibilidade hoje pode faltar para outros amanhã. O que esbanjarmos hoje, faltará na mesa do próximo amanhã. Precisamos pensar nesta e nas próximas gerações.

A Bíblia não tem ilusões quanto à origem dos problemas relacionados com a terra habitável: é unicamente por causa do homem e de suas ações que ela é considerada “maldita” (Gn 3.17) cheia de luto (Os 4.1-9), devastada (Is 1.4-9). Uma terra que não foi feita para tornar-se um caos (Is 45.18) foi, no entanto, banhada pela

injustiça, carecendo de renovação.

Nosso uso ou “ab-uso” vai determinar decisivamente se pensarmos curto, de forma egoísta, só em nós, ou se soubermos também zelar pelos espaços para as gerações futuras. A natureza depende e espera pela decisão do ser humano. Que deixe de tomar atitudes egoístas e volte-se para Deus, o Criador da criação. O próprio Deus responde, conforme lemos em 2 Crônicas 7.14ss: *“se o meu povo que me chama pelo meu nome, se humilhar, orar, buscar a minha presença e se arrepender de seus maus caminhos, eu, do céu, escutarei, perdoarei os seus pecados e sanarei seu país”*. Em outras versões se diz *“e sararei a sua terra”*. É, portanto, o ser humano, אָדָם de Deus, aquele que pode fazer com que a natureza seja sarada, quando ele se voltar novamente para o seu Criador.

III. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Compreender o propósito de Deus em nossas vidas nos aproxima do Criador e também da criação. É imperativo que saibamos reconhecer, na natureza, a vontade de Deus. A igreja de Deus precisa estar a serviço da causa ecológica, convocando a todos a contribuir para a melhoria da natureza. Os princípios ambientais permeiam todas as atividades e procuram estabelecer o equilíbrio normal entre homem e meio ambiente.

A nossa contribuição e defesa do meio ambiente precisam acontecer de duas maneiras: pessoal e coletiva. Há tarefas, responsabilidades que nos competem, e não podemos transferi-las. Precisamos reconhecer o nosso pecado contra a criação, e proclamar

a todos, o cuidado e a proteção que devemos ter com a natureza, pois foi criada por Deus, o qual disse que tudo era bom.

O afastamento do homem da presença de Deus e, conseqüentemente, a depredação e devastação do meio ambiente, contrariam a ordem dada pelo Criador, de ter o domínio sobre a criação.

É necessário, como imagem e semelhança do Criador, reconhecer que os problemas enfrentados pelo meio ambiente tem uma causa certa, a nossa desobediência com o Criador. Em nossas comunidades é necessário, por meio das pregações e atitudes, reconhecer o amor incondicional de Deus pela natureza criada, lembrando de que tudo o que ele criou era bom.

Como representantes de Deus Criador, é-nos delegada a função de dominar (Gn 1) e servir (Gn 2) coerentemente e com amor o que nos foi confiado por Deus. Na Bíblia, toda a criação é importante, e espera-se que funcionemos em harmonia com o mundo que Deus fez para nos sustentar. Esforcemo-nos em cuidar do meio ambiente e das pessoas que ali vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulinas, 1987.
- ALTMANN, Walter. "Meio ambiente: um ensaio em perspectiva histórica". In: Estudos teológicos. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p. 5-15
- BAVINK, Hermann. *Teologia Sistemática*, SOCEP, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento, trad. João Ferreira de Almeida. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- CAPRA, Fritjof. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CAPRA, Fritjof. *Teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- DE LA PEÑA, Juan L. Ruiz. *Teologia da Criação*. São Paulo: Loyola, 1989.
- DIAS, G. F. *Atividades Interdisciplinares de Educação Ambiental*. São Paulo: Global, 1994.
- DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia,

2000.

- DOBBERAHN, Friedrich Erich. Art. “Criação, meio ambiente e ecologia no Antigo Testamento”. In: Estudos teológicos. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p.47-57.
- DURANT, W. *A História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996.
- FERRY, L. Art. “Ecodúvidas”. In: *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*, 1993.
- FLUCK, Marlon Ronald. Art. “*O homem novo e a inocência primitiva: um estudo sobre o reencontro entre Francisco de Assis e o ecossistema*”. In: Estudos teológicos. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p. 33-46.
- FOWLER, James W. *Estágio da fé: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1992.
- FREIRE-MAIA, Newton. *Criação e Evolução - Deus, o acaso e a necessidade*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LASOR, Willian. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LEITE, Ana L.T. de Aquino e MININNI-MEDINA, Nana (Coord). *Educação ambiental: curso básico à distância*. 5 v. Brasília: MMA, 2001.
- GLASSER, Arthur. Art. “Anunciando o reino”. In: www.igrejapresbiteriana.org/diaigreja. Acessado em 01/02/2010.
- HOMBURG, Klaus. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- MARGALEF, R. *Ecologia*. Barcelona: Omega, 1982
- MCHARGUE, L.T. *O Cristão e a Ciência Natural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre - Saudade ou Esperança?* Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- *Missão, Unidade e Identidade - Caderno Preparatório para o Congresso CLAI*, 2000
- MORRIS, H. *Criação ou Evolução*. São Paulo: Editora Fiel, 1984.
- MÜLLER, Karl, *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- OLIVEIRA, Paulo F. *Uma sinfonia para a vida*. São Paulo: ABU, 1994.
- PESKETT, H. & RAMACHANDRA, V. *A mensagem da missão: a glória de Cristo em todo o tempo e espaço*. São Paulo: ABU Editora, 2005, p. 45.
- REIFLER, Hans Ulrich. *Pregação ao alcance de todos*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- ROHDEN, Huberto. *Filosofia Cósmica do Evangelho*. União Cultural Editora Ltda, 1998.
- ROSA, Antônio Carlos Machado da. Art. “Problemas e potencialidades ambientais globais, regionais, estaduais e locais”. In: *Educação Ambiental: curso básico a distancia*. Brasília: MMA, 2001.
- SCHWAMBACH, Claus e SCHWAMBACH, Cristiane Voigt. Art. “O começo de Gênesis – confissão de fé no Deus que cria o cosmo”. In: *Caminho e testemunho*. São Bento do Sul, vol. V, nº 2, 2008, p. 7-13.
- SCHWAMBACH, Claus e SCHWAMBACH, Cristiane Voigt. Art. “Criação e

- destinação do ser humano e a conclusão da criação”. In: *Caminho e testemunho*. São Bento do Sul, vol. V, nº 2, 2008, p. 15-21.
- SIMPSON, G. G. *O Significado da Evolução*. São Paulo: Pioneira Editora, 1962.
 - SILVA. www.igreja.presbiteriana.org/diaigreja, acessado em 02/02/2010.
 - SNYDER, Howard. Art. “A Igreja como Agente de Deus na Evangelização”. In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo: ABU, 1982.
 - SOUZA, Mathias Q. *Mandato Cultural*. Viçosa. Centro Evangélico de Missões (CEM), 1991.
 - STAM, J. B. *Las buenas nuevas de La creación*. Editora Nueva Creación, 1994
 - STOTT, John. Art. “A Base Bíblica da Evangelização”. In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*. São Paulo: ABU, 1992.
 - STOTT, John. *La fé cristiana frente a los desafios contemporaneos*. Editora nueva creacion, 1991.
 - TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980
 - UNESCO. *L'education relative à l'environnement*. Anais da 1ª Conferência Intergovernamental sobre a educação relativa ao meio ambiente, Tibilissi, URSS, 1977.
 - VEIGA, Carlinhos. “Missão integral: ecologia e sociedade”. Brasília, W4 editora. In: www.metodista.br/maiscidadania/noticias, acessado em 20/01/2010.
 - VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1973
 - WEGNER, Uwe. Art. “Repensando uma velha pergunta: quem é meu próximo”. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p.59-73.
 - WESTHELLE, Vitor. Art. “A voz que vem da natureza”. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, ano 30, nº1, 1990, p.16-25.
 - WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1983.
 - ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Art. “História da salvação e história política universal na teologia do Antigo Testamento”. In: *Boletim teológico*, ano 3, nº 8, 1989, p. 5-29.